

**O ESPIRITISMO
EM SUA MAIS SIMPLES
EXPRESSÃO**



POR ALLAN KARDEC

O ESPIRITISMO

EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO

Exposição sumária do ensino dos Espíritos

E de suas Manifestações

Por

ALLAN KARDEC

Autor do Livro dos Espíritos e Diretor da Revista Espírita

Fora da caridade não há salvação.

Paris, 1862

O ESPIRITISMO

EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO

"O objetivo dessa publicação é dar, num quadro muito restrito, um histórico do Espiritismo, e uma ideia suficiente da doutrina dos Espíritos, para que se possa compreender seu objetivo moral e filosófico. Pela clareza e a simplicidade do estilo, buscamos colocá-la ao alcance de todas as inteligências.

Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas para ajudar na sua propagação." Allan Kardec¹

Título do original: *Le Spiritisme à sa plus simple expression*. (Ed. de 1862)

Traduzido por T. Colle

Capa: T. Colle

Todas as obras de Allan Kardec estão disponíveis no portal do ipeak.net

Nossos demais sites:

revistaespirita.net

geak.com.br

contato@ipeak.com.br

contato@revistaespirita.net

Distribuição gratuita

Ano 2023

O ESPIRITISMO

Em sua mais simples expressão

HISTÓRICO DO ESPIRITISMO

Em torno do ano 1850, as atenções se voltaram para os Estados Unidos da América, sobre os diversos fenômenos estranhos, consistindo em ruídos, golpes e movimentos de objetos sem causa conhecida. Tais fenômenos haviam surgido espontaneamente, com intensidade e persistência singulares; todavia, notou-se que eles se produziam mais particularmente sob a influência de certas pessoas, que foram designadas sob o nome de *médiuns*, que poderiam de alguma maneira provocá-los à vontade, o que permitiu repetir as experiências. Para isso, eram sobretudo utilizadas mesas, não que esse objeto fosse mais favorável que outro, mas unicamente porque é móvel, mais cômodo, e porque pode-se sentar mais facilmente em torno de uma mesa do que em volta de qualquer outro móvel. Dessa maneira, obtinha-se a rotação da mesa, depois movimentos em todos os sentidos, saltos, quedas, elevação, golpes dados com violência, etc. Esse fenômeno foi designado, no princípio, sob os nomes de *mesas girantes* ou *dança das mesas*.

Até aí o fenômeno poderia perfeitamente ser explicado por uma corrente elétrica ou magnética, ou ainda pela ação de um fluido desconhecido, e essa foi mesmo a primeira opinião que se formou a

respeito. Porém, não tardou a se reconhecer nesses fenômenos efeitos inteligentes, pois o movimento obedecia à vontade; a mesa se dirigia à direita ou à esquerda, na direção de uma pessoa designada; sob comando, ficava sobre um ou dois pés, desferia o número de golpes que lhe solicitavam, marcava o compasso, etc. Desde então ficou evidente que a causa não era puramente física, e, segundo o axioma: *Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente*, concluiu-se que a causa desse fenômeno deveria ser uma *inteligência*.

Qual era a natureza dessa inteligência? Eis aí a questão. O primeiro pensamento foi o de que poderia ser um reflexo da inteligência do médium ou dos assistentes, mas a experiência logo demonstrou a impossibilidade, porque se obtinham coisas completamente fora do pensamento e dos conhecimentos das pessoas presentes, e mesmo em contradição com suas ideias, com a vontade e o desejo delas; tal inteligência só poderia então pertencer a um ser invisível. O meio de assegurar-se disso era muito simples: entrar em conversação com esse ser, e foi o que fizemos por meio de um número de golpes convencionados, significando *sim* ou *não*, ou designando as letras do alfabeto, e assim obtivemos respostas às diversas questões que lhe dirigimos. Foi o fenômeno designado sob o nome de *mesas falantes*. Todos os seres que se comunicaram dessa maneira, interrogados sobre sua natureza, declararam ser *Espíritos* e pertencer ao mundo invisível. Os mesmos efeitos sendo produzidos num grande número de localidades, por intermédio de pessoas diferentes, e ademais sendo observados por homens muito sérios e bastante esclarecidos, era impossível que fôssemos joguetes de uma ilusão.

Da América esse fenômeno passou para a França e para o resto da Europa onde, durante alguns anos, as mesas girantes e falantes estiveram na moda, e se tornaram o divertimento dos salões; depois, quando já se tinha o bastante, tais fenômenos foram deixados de lado para passar a outra distração.

O fenômeno não tardou a se apresentar sob um novo aspecto, que o fez sair do domínio da simples curiosidade. Os limites deste resumo não nos permitindo segui-lo em todas as suas fases, passamos, sem outra transição, ao que ele oferece de mais característico, ao que sobretudo chama a atenção das pessoas sérias.

Digamos, antes de tudo, que a realidade do fenômeno encontrou numerosos contraditores; uns, sem se darem conta do desinteresse e da honorabilidade dos experimentadores, não viram aí senão malabarismo, um hábil truque de mágica. Os que nada admitem fora da matéria, que creem apenas no mundo visível, que pensam que tudo morre com o corpo, os materialistas, em uma palavra: os que se qualificam de *espíritos fortes*, rejeitaram a existência dos Espíritos invisíveis à categoria das fábulas absurdas; qualificaram de loucos os que levavam a coisa a sério, e os cumularam de sarcasmos e zombarias. Outros, não podendo negar os fatos, e sob o império de uma certa ordem de ideias, atribuíram os fenômenos à influência exclusiva do *diabo*, e por esse meio procuraram aterrorizar os tímidos. Todavia, hoje o medo do diabo perdeu singularmente seu prestígio; falou-se tanto dele, e o pintaram de tantas maneiras, que as pessoas se familiarizaram com essa ideia, e muitas disseram a si mesmas que era preciso aproveitar a ocasião para ver o que ele realmente é. Disso resultou que, à parte um

pequeno número de mulheres timoratas, o anúncio da chegada do verdadeiro diabo teve algo de atraente para aqueles que o haviam visto apenas em pintura ou no teatro; para muita gente foi um poderoso estimulante; de tal sorte que aqueles que quiseram, por esse meio, opor uma barreira às ideias novas, foram contra seu objetivo e se tornaram, sem o querer, agentes propagadores tanto mais eficazes quanto mais forte gritaram. Os outros críticos não tiveram maior sucesso, porque, a fatos constatados, a raciocínios categóricos, puderam opor apenas negações. Lede o que eles publicaram, e em tudo encontrareis a prova da ignorância e da falta de observação séria dos fatos, e em nenhuma parte uma demonstração peremptória de sua impossibilidade; toda a sua argumentação assim se resume: “Eu não creio, então isso não pode ser; todos os que creem são loucos; somente nós temos o privilégio da razão e do bom senso.” O número dos adeptos feitos graças à crítica séria ou burlesca é incalculável, porque em toda parte se encontram apenas opiniões pessoais, vazias de provas contrárias. Continuemos nossa exposição.

As comunicações por pancadas eram lentas e incompletas; reconheceu-se que adaptando um lápis a um objeto móvel: uma corbelha, prancheta ou outro qualquer, sobre o qual se colocasse os dedos, o objeto se colocaria em movimento e traçaria caracteres. Mais tarde notou-se que esses objetos não passavam de acessórios dos quais se poderia abrir mão. A experiência demonstrou que o Espírito, agindo sobre um corpo inerte para dirigi-lo à vontade, poderia do mesmo modo agir sobre o braço ou a mão para conduzir o lápis. Tínhamos então *médiuns escreventes*, isto é, pessoas que escreviam de maneira involuntária sob a impulsão dos Espíritos, dos

quais elas eram assim os instrumentos e os intérpretes. Dali em diante as comunicações não tiveram mais limites e a troca de pensamentos podia dar-se com tanto mais rapidez e desenvolvimento quanto entre os vivos. Era um vasto campo aberto à exploração, à descoberta de um mundo novo: o mundo dos invisíveis, como o microscópio tinha propiciado a descoberta dos infinitamente pequenos.

Que são os Espíritos? Que papel desempenham no Universo? Com que objetivo eles se comunicam aos mortais? Tais eram as primeiras questões a resolver. Soube-se logo, por eles mesmos, que não são seres à parte da criação, mas as próprias almas daqueles que viveram na Terra ou em outros mundos; que essas almas, após se terem despojado do envoltório corporal, povoam e percorrem o espaço. Quando se reconhece entre eles seus parentes e amigos, com os quais se pode conversar, a dúvida não é mais permitida; também não o é quando eles vieram dar prova de sua existência, demonstrar que não há neles morte senão a do corpo, que sua alma ou Espírito vive sempre, que eles estão ali, perto de nós, nos vendo e observando como o faziam em vida, envolvendo com sua solicitude aqueles a quem amaram, e cuja lembrança é para eles uma doce satisfação.

Geralmente se faz uma ideia completamente falsa dos Espíritos; eles não são, como muitos os imaginam, seres abstratos, vagos e indefinidos, nem algo como clarão ou uma centelha; ao contrário, são seres bem reais, com sua individualidade e uma forma determinada. Pode-se fazer uma ideia aproximativa deles pela seguinte explicação:

Há no homem três coisas essenciais: 1º a *alma* ou *Espírito*, princípio inteligente em que reside o pensamento, a vontade e o senso moral; 2º o *corpo*, envoltório material, pesado e grosseiro, que coloca o Espírito em relação com o mundo exterior; 3º o *perispírito*, envoltório fluídico, leve, que serve de laço e de intermediário entre o Espírito e o corpo. Quando o envoltório exterior está gasto e não pode mais funcionar, ele tomba e o Espírito dele se despoja como o fruto se desfaz de sua casca, a árvore de sua crosta; numa palavra, como deixamos uma velha roupa imprestável; é o que chamamos *morte*. A morte é, pois, apenas a destruição do envoltório grosseiro do Espírito: morre só o corpo, o Espírito não morre. Durante a vida, o Espírito está de algum modo comprimido pelos laços da matéria à qual se uniu, e que frequentemente paralisa suas faculdades; a morte do corpo o desembaraça desses laços; o Espírito se desprende e recobra sua liberdade, como a borboleta ao sair de sua crisálida; porém, deixa apenas o corpo material: conserva o perispírito, que constitui para ele uma espécie de corpo etéreo, vaporoso, imponderável para nós, de forma humana, que parece ser a forma tipo. Em seu estado normal, o perispírito é invisível, mas o Espírito pode fazê-lo sofrer certas modificações que o tornam momentaneamente acessível à vista e mesmo ao toque, como se dá com o vapor condensado; é assim que os Espíritos podem algumas vezes mostrar-se a nós nas aparições. É com a ajuda de seu perispírito que o Espírito age sobre a matéria inerte, e produz os diversos fenômenos de ruídos, movimentos, escrita, etc.

Os golpes e os movimentos são, para os Espíritos, meios de demonstrar sua presença e de chamar a atenção sobre si, exatamente como faz uma pessoa quando bate para advertir que há

alguém. Há Espíritos que não se limitam a fazer ruídos moderados, mas vão até fazer um tumulto semelhante ao de louças que se quebram, de portas que se abrem e se fecham, ou de móveis derrubados.

Com o auxílio de batidas e de movimentos convencionados, eles puderam exprimir seus pensamentos, mas a escrita é para eles o meio mais completo, mais rápido e mais cômodo, e é também o que eles preferem. Pela mesma razão que eles podem formar caracteres, podem guiar a mão para fazê-la traçar desenhos, escrever música, executar uma peça em um instrumento; numa palavra, na falta do próprio corpo, que não têm mais, eles se servem do corpo do médium para manifestarem-se aos homens de maneira sensível.

Os Espíritos também podem se manifestar de várias outras maneiras, entre elas pela vista e pela audição. Certas pessoas, ditas *médiuns auditivos*, têm a faculdade de ouvi-los, e podem assim conversar com eles; outras os veem: são os *médiuns videntes*. Os Espíritos que se manifestam à visão geralmente se apresentam sob uma forma análoga àquela que tinham quando vivos, mas vaporosa; outras vezes, essa forma tem todas as aparências de um ser vivo, ao ponto de causar completa ilusão, e algumas vezes serem tomados por pessoas de carne e osso, com as quais se pode conversar e trocar apertos de mão, sem suspeitar que se está a tratar com Espíritos, a não ser por sua desapareção súbita.

A visão permanente e geral dos Espíritos é muito rara, mas as aparições individuais são bastante frequentes, sobretudo no momento da morte; o Espírito desprendido parece ter pressa de ir rever seus parentes e seus amigos, como para avisá-los que acaba

de deixar a Terra e dizer-lhes que vive sempre. Que cada um consulte suas lembranças, e verá quantos fatos autênticos desse gênero, dos quais não se dera conta, ocorreram não somente à noite, durante o sono, mas em pleno dia e em estado da mais completa vigília. Outrora esses fatos eram vistos como sobrenaturais e maravilhosos, e atribuídos à magia e a bruxaria; hoje os incrédulos os lançam à conta da imaginação; no entanto, desde que a ciência espírita deu deles a chave, sabe-se como eles se produzem, e que não saem da ordem dos fenômenos naturais.

Acredita-se ainda que os Espíritos, pelo único fato de serem Espíritos, devem ter a soberana ciência e a soberana sabedoria: esse é um erro que a experiência não tardou a demonstrar. Entre as comunicações dadas pelos Espíritos, há aquelas que são sublimes de profundidade, de eloquência, de sabedoria, de moral, e respiram apenas bondade e benevolência; mas, ao lado dessas, há as que são muito vulgares, levianas, triviais, grosseiras mesmo, e pelas quais o Espírito revela os mais perversos instintos. É evidente que elas não podem vir da mesma fonte, e que, se há bons Espíritos, também há maus. Sendo os Espíritos apenas as almas dos homens, naturalmente não podem se tornar perfeitos ao deixar seu corpo; até que hajam progredido, conservam as imperfeições da vida corporal, e é por isso que os vemos de todos os graus de bondade e de maldade, de saber e de ignorância.

Os Espíritos geralmente se comunicam com prazer, e para eles é uma satisfação ver que não os esquecemos; eles descrevem de bom grado suas impressões ao deixar a Terra, sua nova situação, a natureza de suas alegrias ou de seus sofrimentos no mundo onde se encontram: uns são muito felizes, outros desgraçados, alguns

sofrem mesmo horríveis tormentos, conforme a maneira que viveram, e o emprego bom ou mau, útil ou inútil que deram à vida. Observando-os em todas as fases de sua nova existência, conforme a posição que ocuparam no mundo, seu gênero de morte, seu caráter e seus hábitos como homens, chegamos a um conhecimento, senão completo, pelo menos bastante preciso do mundo invisível para dar-nos conta do nosso estado futuro, e pressentir a sorte feliz ou desgraçada que nos espera.

As instruções dadas pelos Espíritos de uma ordem elevada sobre todos os assuntos que interessam à humanidade, as respostas que deram às questões que lhes foram propostas, recolhidas e coordenadas com cuidado, constituem toda uma ciência, toda uma doutrina moral e filosófica denominada *Espiritismo*. *O Espiritismo é pois a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensino dos Espíritos*. Essa doutrina se acha exposta de maneira completa no *Livro dos Espíritos*, pela parte filosófica, e no *Livro dos Médiuns*, pela parte prática e experimental. Pode-se julgar, pela análise que daremos em seguida dessas obras, da variedade, da extensão e da importância das matérias que ela abarca.

Como vimos, o Espiritismo teve seu ponto de partida no fenômeno vulgar das mesas girantes; todavia, como esses fatos falam mais aos olhos do que à inteligência, despertam mais curiosidade do que sentimentos, e uma vez satisfeita a curiosidade, fica-se tanto menos interessado quanto menos compreendidos eles são. O mesmo não mais se deu quando a teoria veio explicar a sua causa; sobretudo quando se percebeu que das mesas girantes, com as quais se haviam divertido por um instante, saía toda uma doutrina moral que falava da alma, dissipando as angústias da dúvida, satisfazendo a

todas as aspirações deixadas no vazio por um ensinamento incompleto sobre o futuro da Humanidade, as pessoas sérias acolheram a nova doutrina como um benefício e, desde então, longe de declinar, ela cresceu com inacreditável rapidez; no espaço de três ou quatro anos, ela reuniu em todos os países do mundo, sobretudo entre as pessoas esclarecidas, inumeráveis partidários que aumentam todos os dias numa proporção extraordinária; de tal sorte que se pode dizer hoje que o Espiritismo conquistou direito de cidade; ele se assenta sobre bases que desafiam os esforços de seus adversários mais ou menos interessados em combatê-lo; a prova disso é que os ataques e as críticas não diminuíram sua marcha um só instante: este é um fato adquirido pela experiência, e do qual os opositores jamais puderam dar a razão; os espíritas dizem simplesmente que se ele se propaga apesar da crítica, é que o julgam bom, e preferem seu próprio raciocínio ao dos seus contraditores.

O Espiritismo, no entanto, não é uma descoberta moderna; os fatos e os princípios sobre os quais ele repousa se perdem na noite dos tempos, pois seus traços são encontrados em todas as crenças e todos os povos, em todas as religiões, na maioria dos escritores sacros e profanos; porém os fatos, observados de maneira incompleta, com frequência eram interpretados segundo as ideias supersticiosas da ignorância, e não se deduziu deles todas as consequências. Com efeito, o Espiritismo se funda na existência dos Espíritos; e sendo os Espíritos apenas as almas dos homens, desde que há homens, há Espíritos; o Espiritismo não os descobriu nem os inventou. Se as almas ou Espíritos podem manifestar-se aos vivos, é que isso está na natureza e, portanto, devem tê-lo feito desde

tempos imemoriais; também em todos os tempos e em toda parte encontra-se a prova dessas manifestações, que abundam sobretudo nos relatos bíblicos. Moderna é a explicação lógica dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos Espíritos, de seu papel e de seu modo de ação, a revelação do nosso estado futuro; enfim, sua constituição em corpo de ciência e de doutrina, e suas diversas aplicações. Os Antigos conheciam o princípio, os Modernos conhecem os detalhes. Na antiguidade, o estudo desses fenômenos era privilégio de certas castas que não os revelava senão aos iniciados em seus mistérios; na Idade Média, aqueles que deles se ocupavam ostensivamente eram vistos como feiticeiros e por isso eram queimados; mas hoje não há mistérios para ninguém, e não se queima ninguém; tudo se passa às claras, e todos podem se esclarecer e praticar, pois os médiuns se encontram em toda parte.

A própria doutrina que os Espíritos ensinam hoje nada tem de novo; encontram-se fragmentos dela na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e toda inteira nos ensinamentos do Cristo. O que vem então fazer o Espiritismo? Ele vem confirmar por novos testemunhos, demonstrar por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer em seu verdadeiro sentido aquelas que foram mal interpretadas.

Que o Espiritismo nada ensina de novo, é verdade; no entanto, não é muito provar de maneira patente, irrecusável, a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras? Quantas pessoas creem nessas coisas, mas creem com um vago pensamento oculto de incerteza, e dizem em seu foro íntimo: “E se assim não for!” Quantos foram conduzidos à incerteza porque o

futuro lhes fora apresentado sob um aspecto que sua razão não podia admitir! Não é bastante para o crente vacilante poder dizer consigo mesmo: “Agora estou seguro!” E para o cego rever a luz? Pelos fatos e por sua lógica, o Espiritismo vem dissipar a ansiedade da dúvida, e reconduzir à fé aquele que se havia dela afastado; ao revelar-nos a existência do mundo invisível que nos rodeia, em meio do qual vivemos sem o suspeitar, dá-nos a conhecer, pelo exemplo daqueles que viveram, as condições de nossa felicidade ou infelicidade futura; explica-nos a causa de nossos sofrimentos aqui embaixo e o meio de aliviá-los. Sua propagação terá por efeito a destruição das doutrinas materialistas que não podem resistir à evidência. O homem, convencido da grandeza e da importância de sua existência futura que é eterna, compara-a com a incerteza da via terrestre, que é curta, e se eleva, pelo pensamento, acima das mesquinhas considerações humanas. Conhecendo a causa e o objetivo de suas misérias, ele as suporta com paciência e resignação, porque sabe que elas são um meio de chegar a um estado melhor. O exemplo daqueles que vêm de além-túmulo descrever suas alegrias e suas dores, ao provar a realidade da vida futura, prova ao mesmo tempo que a justiça de Deus não deixa nenhum vício sem punição, e nem uma única virtude sem recompensa. Acrescentemos, enfim, que as comunicações com os seres queridos que perdemos proporcionam uma doce consolação ao provar, não somente que eles existem ainda, mas que estamos menos separados do que quando estavam vivos, habitando um país estrangeiro.

Em resumo, o Espiritismo suaviza o amargor das aflições da vida; acalma os desesperos e as agitações da alma, dissipa as incertezas

ou os terrores do futuro, detém o pensamento de abreviar a vida pelo suicídio; por isso mesmo ele torna felizes aqueles que dele se compenetraram: está aí o grande segredo de sua rápida propagação.

Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; todavia, ele é independente de todo culto particular. Seu objetivo é provar que a alma existe, àqueles que negam ou duvidam; que ela sobrevive ao corpo; que sofre após a morte as consequências do bem e do mal que fez durante a vida corporal; ora, isso diz respeito a todas as religiões. Como crença nos Espíritos, ele está de acordo com todas as religiões, e mesmo com todos os povos, pois onde quer que haja homens, há também almas ou Espíritos; as manifestações são de todos os tempos, cujos relatos se encontram em todas as religiões sem exceção. Pode-se, portanto, ser católico grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos e, por conseguinte, ser espírita; a prova disso é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas. Como moral, ele é essencialmente cristão, porque a que ele ensina nada mais é que o desenvolvimento e a aplicação da doutrina de Cristo, a mais pura de todas, e cuja superioridade não é contestada por ninguém, prova evidente de que ela é lei de Deus; ora, a moral é para uso de todo mundo.

O Espiritismo, sendo independente de toda forma de culto, não prescrevendo nenhuma e não se ocupando de dogmas particulares, não é uma religião especial, pois não tem seus padres nem seus templos. Aos que lhe perguntam se fazem bem em seguir tal ou tal prática, ele responde: Se acreditais que vossa consciência está comprometida a fazê-lo, fazei-o, pois Deus leva sempre em conta a

intenção. Numa palavra, o Espiritismo a ninguém se impõe; não se dirige aos que têm fé, e cuja fé lhes basta; dirige-se à numerosa categoria dos vacilantes e dos incrédulos; assim, ele não os tira da Igreja, uma vez que já estão totalmente ou em parte separados dela; ele os faz andar três quartos do caminho para a ela voltar; cabe a ela fazer o resto.

O Espiritismo combate, é verdade, certas crenças, tais como a eternidade das penas, o fogo material do inferno, a personalidade do diabo, etc.; mas não é certo que essas crenças, impostas como absolutas, fizeram incrédulos em todos os tempos, e ainda os fazem todos os dias? Se o Espiritismo, ao dar uma interpretação racional desses dogmas e de alguns outros, conduz à fé aqueles que a abandonam, não presta ele serviço à religião? Eis o que dizia um venerável eclesiástico a esse respeito: “O Espiritismo faz crer em alguma coisa; ora, é melhor crer em alguma coisa do que não crer em absolutamente nada.”

Os Espíritos não sendo senão as almas, não se pode negar os Espíritos sem negar a alma. Estando as almas ou Espíritos admitidos, a questão reduzida à sua mais simples expressão é esta: *As almas daqueles que morreram podem comunicar-se com os vivos?* O Espiritismo prova a afirmativa por fatos materiais; que provas se poderia dar de que isso não é possível? Se é possível, todas as negações do mundo não podem impedir que assim seja, pois não se trata nem de um sistema, nem de uma teoria, mas de uma lei da natureza; ora, contra as leis da natureza a vontade do homem é impotente; é preciso então, de bom ou de mau grado, aceitar suas consequências, e conformar a elas suas crenças e seus hábitos.

RESUMO DO ENSINO DOS ESPÍRITOS

1. Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. Deus é *eterno, único, imaterial, imutável, todo-poderoso, soberanamente justo e bom*. Ele deve ser infinito em todas as suas perfeições, pois se supuséssemos um único de seus atributos imperfeitos, ele não seria Deus.

2. Deus criou a matéria que constitui os mundos; ele também criou seres inteligentes que denominamos *Espíritos*, encarregados de administrar os mundos materiais segundo as leis *imutáveis* da criação, e que, por sua natureza são perfectíveis. Aperfeiçoando-se, eles se aproximam da Divindade.

3. O Espírito propriamente dito, é o princípio inteligente; sua natureza íntima nos é desconhecida; para nós, ele é imaterial, porque não há nenhuma analogia com o que nós chamamos matéria.

4. Os Espíritos são seres indivisíveis; eles têm um envoltório etéreo, imponderável, chamado *perispírito*, espécie de corpo fluídico, tipo da forma humana. Eles povoam os espaços, que percorrem com a rapidez do relâmpago, e constituem o mundo invisível.

5. A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos; sabemos somente que eles são criados *simples e ignorantes*, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do

mal, mas com igual aptidão para tudo, porque Deus, em sua justiça, não poderia liberar uns do trabalho que impõe aos outros para chegar à perfeição. No princípio, eles estão numa espécie de infância sem vontade própria, e sem consciência perfeita de sua existência.

6. Desenvolvendo-se o livre-arbítrio nos Espíritos ao mesmo tempo que as ideias, Deus lhes diz: “Podeis todos pretender a felicidade suprema, quando tiverdes adquirido os conhecimentos que vos faltam e realizado a tarefa que vos imponho. Trabalhai, pois, no vosso adiantamento; eis o objetivo: vós o atingireis seguindo as leis que eu gravei em vossa consciência.”

Em consequência de seu livre-arbítrio, uns tomam a rota mais curta, que é a do bem, outros a mais longa, que é a do mal.

7. Deus não criou o mal; estabeleceu leis, e essas leis são sempre boas, porque ele é soberanamente bom; aquele que as observasse fielmente seria perfeitamente feliz; porém, tendo o seu livre-arbítrio, os Espíritos nem sempre as observaram, e de sua desobediência resultou para eles o mal. Podemos então dizer que o bem é tudo o que é conforme à lei de Deus, e o mal tudo o que é contrário a essa mesma lei.

8. Para concorrer, como agentes do poder divino, à obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem temporariamente um corpo material. Pelo trabalho que sua existência corporal exige, eles aperfeiçoam sua inteligência e adquirem, observando as leis de Deus, os méritos que devem conduzi-los à felicidade eterna.

9. A encarnação não foi, no princípio, imposta ao Espírito como uma punição; ela é necessária ao seu desenvolvimento e para a realização das obras de Deus, e todos devem sofrê-la, quer tomem a rota do bem ou a do mal; a diferença é que aqueles que seguem a rota do bem avançam mais rapidamente, são menos demorados para chegar ao objetivo e o atingem em condições menos penosas.

10. Os Espíritos encarnados constituem a Humanidade, que não se circunscreve à Terra, mas povoa todos os mundos disseminados no espaço.

11. A alma do homem é um Espírito encarnado. Para secundá-lo no cumprimento de sua tarefa, Deus lhe deu, como auxiliares, os animais que lhe são submetidos, e cuja inteligência e caráter são proporcionais às suas necessidades.

12. O aperfeiçoamento do Espírito é fruto de seu próprio trabalho; não podendo, numa única existência corporal, adquirir as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-lo ao objetivo, ele o atinge por uma sucessão de existências em cada uma das quais dá alguns passos adiante na via do progresso.

13. A cada existência corporal o Espírito deve realizar uma tarefa proporcional ao seu desenvolvimento; quanto mais ela for rude e laboriosa, mais mérito ele tem ao cumpri-la. Cada existência é assim uma prova que o aproxima do objetivo. O número dessas existências é indeterminado. Depende da vontade do Espírito

abreviá-las trabalhando ativamente para o seu aperfeiçoamento moral, como depende da vontade do operário, que deve executar um trabalho, abreviar o número dos dias que emprega para fazê-lo.

14. Quando uma existência foi mal empregada, ela é sem proveito para o Espírito, que deve recomêçá-la em condições mais penosas em razão de sua negligência e de sua má vontade. É assim que, na vida, pode-se ser constrangido a fazer no dia seguinte o que não se fez na véspera.

15. A vida espiritual é a vida normal do Espírito: ela é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não passa de um instante na eternidade.

16. No intervalo de suas existência corporais, o Espírito está *errante*. A erraticidade não tem duração determinada; nesse estado o Espírito é feliz ou desgraçado, conforme o bom ou mau emprego que tenha dado à sua última existência; ele estuda as causas que apressaram ou retardaram seu adiantamento; toma resoluções que buscará colocar em prática na próxima encarnação e escolhe ele mesmo as provas que acredita serem as mais próprias ao seu progresso; porém, algumas vezes ele se engana, ou sucumbe, ao não perseverar, como homem, nas resoluções que tomou como Espírito.

17. O Espírito culpado é punido no mundo dos Espíritos por sofrimentos morais, e por penas físicas na vida corporal. Suas aflições são consequência de suas faltas, isto é, de sua infração à

lei de Deus; de sorte que elas são ao mesmo tempo expiação do passado e prova para o futuro: é assim que o orgulhoso pode ter uma existência de humilhação, o tirano uma de servidão, o mau rico uma de miséria.

18. Há mundos apropriados aos diferentes graus de adiantamento dos Espíritos, e onde a existência corporal se acha em condições muito diferentes. Quanto menos avançado é o Espírito, mais os corpos que ele reveste são pesados e materiais; à medida que se purifica, ele passa a mundos superiores moralmente e fisicamente. A Terra não é o primeiro nem o último, mas é um dos mais atrasados.

19. Os Espíritos culpados encarnam em mundos menos avançados, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida material. Esses mundos são para eles verdadeiros purgatórios, mas deles depende sair daí trabalhando para próprio adiantamento moral. A Terra é um desses mundos.

20. Deus, sendo soberanamente justo e bom, não condena suas criaturas, por faltas temporárias, a castigos perpétuos; ele sempre lhes oferece os meios de progredir e de reparar o mal que tenham feito. Deus perdoa, mas exige o arrependimento, a reparação e o retorno ao bem, de maneira que a duração do castigo é proporcional à persistência do Espírito no mal; que, por conseguinte, o castigo seria *eterno* para aquele que permanecesse eternamente no mau caminho; mas desde que uma centelha de arrependimento penetre no coração do culpado, Deus estende sobre ele sua misericórdia.

Assim, a eternidade das penas deve ser entendida no sentido relativo, e não no sentido absoluto.

21. Os Espíritos, ao encarnarem, trazem consigo o que adquiriam em suas existências precedentes; é essa a razão pela qual os homens mostram instintivamente aptidões especiais, pendores bons ou maus que parecem inatos neles.

As más tendências naturais são os restos das imperfeições do Espírito, e das quais ele não se despojou inteiramente; são também os indícios das faltas que ele cometeu, e o verdadeiro *pecado original*. A cada existência ele deve limpar-se de algumas impurezas.

22. O esquecimento das existências anteriores é um benefício de Deus que, em sua bondade, quis poupar o homem das lembranças quase sempre penosas. A cada nova existência, o homem é o que fez de si mesmo: é para ele um novo ponto de partida; ele conhece seus defeitos atuais; sabe que esses defeitos são a sequência dos que tinha, e conclui daí o mal que pode ter cometido e isso basta para ele trabalhar a fim de se corrigir. Se outrora tinha defeitos que hoje não tem mais, não precisa com eles se preocupar, pois tem muito a se ocupar com suas imperfeições presentes.

23. Se a alma já não tivesse vivido, é que teria sido criada ao mesmo tempo que o corpo; supondo que assim o fosse, ela não teria nenhuma relação com aquelas que a precederam. Pergunta-se então, como Deus, que é soberanamente justo e bom, poderia torná-la responsável pela falta do pai do gênero humano,

manchando-a com um pecado original que ela não cometeu. Admitindo-se, ao contrário, que a alma traz ao nascer o germe das imperfeições de suas existências anteriores; que ela sofre na existência atual as consequências de suas faltas passadas, dá-se do *pecado original* uma explicação lógica que cada um pode compreender e admitir, porque a alma não é responsável senão pelas suas próprias obras.

24. Na diversidade das aptidões inatas, morais e intelectuais, está a prova de que a alma já vivera antes; se ela tivesse sido criada ao mesmo tempo que o corpo atual, Deus teria feito umas mais adiantadas que as outras, o que não está de acordo com a sua bondade. Porque existem selvagens e homens civilizados, bons e maus, idiotas e gente de espírito? Admitindo-se que uns viveram mais que os outros e adquiriram mais, tudo se explica.

25. Se a existência atual fosse a única e decidisse o futuro da alma por toda a eternidade, qual seria a sorte das crianças que morrem em tenra idade? Não tendo elas feito bem nem mal, não merecem recompensas nem punições. De acordo com a palavra do Cristo, cada um sendo recompensado segundo suas obras, elas não têm direito à perfeita felicidade dos anjos, nem merecem ser dela privadas. Dizei que elas poderão, numa outra existência, realizar o que não puderam fazer na que foi abreviada, e não há mais exceções.

26. Pelo mesmo motivo, qual seria a sorte dos cretinos e dos idiotas? Sem consciência do bem e do mal, eles não têm nenhuma

responsabilidade por seus atos. Seria Deus justo e bom se tivesse criado almas estúpidas para condená-las a uma existência miserável e sem compensações? Admiti, ao contrário, que a alma do cretino e do idiota é um Espírito em punição num corpo impróprio a manifestar seu pensamento, no qual se encontra como um homem fortemente comprimido por laços, e nada mais tereis que não seja conforme à justiça de Deus.

27. Despojando-se o Espírito, em suas encarnações sucessivas, de suas impurezas e aperfeiçoando-se pelo trabalho, ele chega ao termo de suas existências corporais; pertence então à ordem dos *puros Espíritos* ou dos *anjos*, e goza ao mesmo tempo da visão completa de Deus e de uma felicidade sem mescla pela eternidade.

28. Estando os homens em expiação na Terra, Deus, como bom Pai, não os deixou entregues a si mesmos, sem guias. Em primeiro lugar, eles têm seus Espíritos protetores ou anjos guardiães, que velam por eles e se esforçam para conduzi-los na boa via; têm ainda os Espíritos em missão na Terra, Espíritos superiores encarnados de tempos em tempos entre eles, para clarear a rota por seus trabalhos e fazer avançar a Humanidade. Ainda que Deus tenha gravado sua lei na consciência, ele acreditou dever formulá-la de maneira explícita; primeiro lhes enviou Moisés; mas as leis de Moisés eram apropriadas aos homens de seu tempo; ele apenas lhes falou da vida terrestre, de penas e de recompensas temporais. O Cristo veio em seguida completar a lei de Moisés por um ensino mais elevado: a pluralidade das existências², a vida espiritual, as

penas e as recompensas morais. Moisés os conduziu pelo medo, o Cristo pelo amor e pela caridade.

29. O Espiritismo, melhor compreendido hoje, acrescenta, para os incrédulos, a evidência à teoria; ele prova o futuro por evidências patentes; diz em termos claros e sem equívoco o que o Cristo disse por parábolas; explica as verdades desconhecidas ou falsamente interpretadas; revela a existência do mundo invisível ou dos Espíritos, e inicia o homem nos mistérios da vida futura; ele vem combater o materialismo, que é uma revolta contra o poder de Deus; vem, enfim, estabelecer entre os homens o reino da caridade e da solidariedade anunciado pelo Cristo. Moisés lavrou, o Cristo semeou, o Espiritismo vem colher.

30. O Espiritismo não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque ela surgiu de todos os pontos do globo pela voz daqueles que viveram. Tornando evidente o que era obscuro, ele põe fim às interpretações errôneas, e deve ligar os homens numa mesma crença, porque existe apenas um Deus, e suas leis são as mesmas para todos; ele marca enfim a era dos tempos preditos pelo Cristo e os profetas.

31. Os males que afligem os homens na Terra têm por causa o orgulho, o egoísmo e todas as más paixões. Pelo contato de seus vícios, *os homens se tornam reciprocamente infelizes e punem-se uns aos outros*. Que a caridade e a humildade substituam o egoísmo e o orgulho, e então eles não mais buscarão prejudicar-se;

respeitarão os direitos de cada um, e farão reinar entre eles a concórdia e a justiça.

32. Todavia, como destruir o egoísmo e o orgulho que parecem inatos no coração do homem? – O egoísmo e o orgulho estão no coração do homem, porque os homens são Espíritos que seguiram desde o princípio a rota do mal, e foram exilados na Terra por punição desses mesmos vícios; é ainda por causa de seu pecado original do qual muitos não se despojaram. Pelo Espiritismo, Deus vem fazer um último apelo à prática da lei ensinada pelo Cristo: a lei de amor e de caridade.

33. Tendo a Terra chegado ao tempo marcado para tornar-se uma morada de felicidade e de paz, Deus não quer que os maus Espíritos encarnados continuem a trazer para esse mundo a perturbação em prejuízo dos bons; é por isso que eles deverão desaparecer. Irão expiar seu endurecimento em mundos menos avançados, onde trabalharão novamente para seu aperfeiçoamento moral numa série de existências mais infelizes e mais penosas ainda do que na Terra.

Nesses mundos eles formarão uma nova raça mais esclarecida e cuja tarefa será fazer progredir os seres atrasados que os habitam, lançando mão dos próprios conhecimentos adquiridos. Não sairão dali para um mundo melhor enquanto não tiverem merecido, e assim sucessivamente, até que tenham atingido a purificação completa. Se a Terra era para eles um purgatório, esses mundos serão seu inferno, mas um inferno de onde a esperança jamais será banida.

34. Enquanto a geração proscrita vai desaparecer rapidamente, uma nova geração surge, cujas crenças serão fundadas sobre o *Espiritismo cristão*. Nós assistimos à transição que se opera, prelúdio da renovação moral cujo advento é marcado pelo Espiritismo.

MÁXIMAS EXTRAÍDAS DO ENSINO DOS ESPÍRITOS

35. O objetivo essencial do Espiritismo é o aperfeiçoamento dos homens. Deve-se buscar nele apenas o que pode ajudar o progresso moral e intelectual.

36. O verdadeiro espírita não é aquele que crê nas manifestações, mas aquele que aproveita os ensinamentos dados pelos Espíritos. De nada serve crer, se a crença não o faz dar um passo adiante na via do progresso, e não o torna melhor para o seu próximo.

37. O egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, a cupidez, o ódio, a inveja, o ciúme, a maledicência, são para a alma ervas venenosas das quais é preciso arrancar alguns brotos a cada dia e que têm por antídoto: a *caridade* e a *humildade*.

38. A crença no Espiritismo só é proveitosa para aquele de quem se pode dizer: hoje ele vale mais do que ontem.

39. A importância que o homem dá aos bens temporais está na razão inversa de sua fé na vida espiritual; é a dúvida quanto ao futuro que o leva a buscar suas alegrias nesse mundo satisfazendo suas paixões, ainda que seja em detrimento de seu próximo.

40. As aflições neste mundo são o remédio da alma; salvam-na para o futuro como uma operação cirúrgica dolorosa salva a vida de um doente e lhe devolve a saúde. Foi por isso que o Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, pois eles serão consolados."

41. Em vossas aflições, olhai abaixo de vós e não acima; pensai nos que sofrem ainda mais do que vós.

42. O desespero é natural para aquele que acredita que tudo acaba com a vida do corpo, mas é um contrassenso para aquele que tem fé no futuro.

43. O homem quase sempre é o artífice de sua própria desgraça nesse mundo; que ele busque a fonte de seus infortúnios, e verá que em sua maioria eles são o resultado de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua vaidade, e, por conseguinte, de sua infração às leis de Deus.

44. A prece é um ato de adoração. Orar a Deus, é pensar nele; é aproximar-se dele; colocar-se em comunicação com ele.

45. Aquele que ora com fervor e confiança é mais forte contra as tentações do mal, e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. É um socorro que jamais é recusado quando pedido com sinceridade.

46. O essencial não é orar muito, mas orar bem. Certas pessoas creem que todo o mérito está na extensão da prece, enquanto fecham os olhos para seus próprios defeitos. A prece é para elas apenas uma ocupação, um emprego do tempo, mas não um estudo de si mesmas.

47. Aquele que pede perdão a Deus por suas faltas não o obtém senão mudando de conduta. As boas ações são a melhor das preces, pois os atos valem mais do que as palavras.

48. A prece é recomendada por todos os Espíritos; além disso, ela é pedida por todos os Espíritos imperfeitos como um meio de aliviar seus sofrimentos.

49. A prece não pode mudar os decretos da Providência; mas vendo que nos interessamos por eles, os Espíritos sofredores se sentem menos abandonados, e são menos infelizes; a prece lhes aumenta a coragem, excita neles o desejo de se elevar pelo arrependimento e a reparação, e pode desviá-los do pensamento do mal. É nesse sentido que ela pode não só aliviar, mas abreviar seus sofrimentos.

50. Orai cada um conforme suas convicções e o modo que acreditais ser o mais conveniente, porque a forma nada é, o pensamento é tudo; a sinceridade e a pureza de intenção, eis o essencial; um bom pensamento vale mais do que numerosas palavras, que mais se assemelham ao barulho de um moinho, e das quais o coração não faz parte.

51. Deus fez homens fortes e poderosos para serem o suporte dos fracos; o forte que oprime o fraco é maldito de Deus: frequentemente ele recebe o castigo nessa vida, sem prejuízo do que lhe reserva o futuro.

52. A fortuna é um depósito do qual o possuidor é apenas usufrutuário, *uma vez que não a leva com ele para o túmulo*; ele prestará conta severa do emprego que deu a ela.

53. A fortuna é uma prova mais escorregadia do que a miséria, pois é uma tentação para o abuso e os excessos, e porque é mais difícil de ser moderado do que resignado.

54. O ambicioso que triunfa e o rico que se compraz nos gozos materiais são mais para lamentar do que invejar, pois é preciso ver o retorno. O Espiritismo, pelos terríveis exemplos daqueles que viveram e que vêm revelar sua sorte, mostra a verdade dessa palavra do Cristo: “Aquele que se exalça será rebaixado, e aquele que se rebaixa será exalçado.”

55. A caridade é a lei suprema do Cristo: “Amai-vos uns aos outros como irmãos: – amai vosso próximo como a vós mesmos; – perdoai os vossos inimigos; – não façais a outrem o que não quiserdes que vos façam”: tudo isso se resume na palavra *caridade*.

56. A caridade não está somente na esmola, pois há caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Quem é indulgente para com as faltas de seu próximo é caridoso em pensamentos; quem nada diz que possa prejudicar a seu próximo, é caridoso em palavras; quem assiste seu próximo na medida de suas forças, é caridoso em ações.

57. O pobre que divide seu pedaço de pão com um mais pobre que ele é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus do que aquele que dá de seu supérfluo sem privar-se de nada.

58. Àquele que alimenta contra seu próximo sentimentos de animosidade, de ódio, de ciúme e de rancor, falta a caridade; ele mente se se diz cristão, e ofende a Deus.

59. Homens de todas as castas, de todas as seitas e de todas as cores, sois todos irmãos, porque Deus vos chama todos a ele; estendei-vos, pois, a mão, qualquer que seja vossa maneira de adorar ao Pai, e não vos lanceis o anátema, porque o anátema é a violação da lei de caridade proclamada pelo Cristo.

60. Com o egoísmo os homens estão em luta perpétua; com a caridade, estarão em paz. Somente tomando a caridade por base de suas instituições, eles podem assegurar sua felicidade nesse mundo; segundo o Cristo, é também ela que pode assegurar sua felicidade futura, pois ela encerra implicitamente todas as virtudes que conduzem à perfeição. Com a verdadeira caridade, tal como a ensinou e praticou o Cristo, não haverá mais egoísmo, orgulho, ódio, ciúme, maledicência; não mais haverá apego desordenado aos bens desse mundo. Por isso o *Espiritismo cristão* tem por máxima: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Incrédulos! Podeis rir dos Espíritos, zombar dos que creem nas suas manifestações; rides então, se ousardes, dessa máxima que eles veem ensinar e que é vossa própria salvaguarda, pois se a caridade desaparecesse da Terra os homens se estraçalhariam mutuamente, e seríeis talvez as primeiras vítimas. Não está longe o tempo em que essa máxima, proclamada abertamente em nome dos Espíritos, será um penhor de segurança, e um título de confiança em todos aqueles que a tiverem gravada em seu coração.

Disse um Espírito: “Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia e da moral que daí decorrem.” É que, com efeito, hoje estamos longe, após somente alguns anos, dos primeiros fenômenos que serviram um instante de distração aos ociosos e aos curiosos. Essa moral, dizeis, é antiquada: “Os Espíritos bem deveriam ter bastante espírito para dar-nos alguma coisa de novo.” (Frase espirituosa dita por mais de um crítico.) Tanto melhor se ela é antiquada! Isso prova que é de todos os tempos, e os homens são ainda mais culpados por não tê-la praticado, pois não há verdadeiras verdades a não ser aquelas que são eternas. O Espiritismo vem lhes lembrá-la, não por uma revelação isolada feita a um só homem, mas pela voz dos próprios Espíritos que, semelhantes à trombeta final, vem lhes gritar: “Crede que aqueles que chamais mortos estão mais vivos do que vós, porque veem o que não vedes, e ouvem o que não ouvis; reconhecei, naqueles que vos veem falar, vossos parentes, vossos amigos, e todos aqueles com os quais tivestes amizade na Terra e que acreditáveis perdidos para sempre. Infeliz daqueles que creem que tudo acaba com o corpo, pois serão cruelmente enganados; ai daqueles que tiverem faltado com a caridade, pois sofrerão o que fizeram sofrer

aos outros! Escutai a voz dos que sofrem e vem dizer-vos: “Nós sofremos por termos desprezado o poder de Deus e duvidado de sua misericórdia infinita; nós sofremos por causa de nosso orgulho, de nosso egoísmo, de nossa avareza e todas as más paixões que não soubemos reprimir; nós sofremos por todo o mal que fizemos aos nossos semelhantes por termos esquecido da lei de caridade.”

Incrédulos! Dizei se uma doutrina que ensina semelhantes coisas é risível, se é boa ou má. Encarando-a ainda que unicamente do ponto de vista da ordem social, dizei se os homens que a praticassem seriam felizes ou infelizes, melhores ou mais malvados.

OBRAS DO SENHOR ALLAN KARDEC

O QUE É O ESPIRITISMO?

Introdução ao conhecimento do mundo invisível ou dos Espíritos; conteúdo os princípios fundamentais da doutrina espírita, e a resposta a algumas objeções prejudiciais.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Contendo: os princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens; as leis morais; a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, segundo o ensino dado pelos Espíritos superiores, com a ajuda de diversos médiuns.

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS

Introdução - Prolegômenos.

LIVRO PRIMEIRO. — AS CAUSAS PRIMEIRAS

Cap. I. Deus. — Cap. II. Elementos gerais do Universo. — Cap. III. Criação. — Cap. IV. Princípio vital.

LIVRO SEGUNDO. — MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

Cap. I. Dos Espíritos. – Cap. II. Deus. Encarnação dos Espíritos. – Cap. III. Retorno da vida corporal à vida espiritual. – Cap. IV. Pluralidade das existências. – Cap. V. Considerações sobre a pluralidade das existências. – Cap. VI. Vida espírita. – Cap. VII. Retorno à vida corporal. – Cap. VIII. Emancipação da alma: sono, sonhos, sonambulismo, êxtase, segunda vista. – Cap. IX. Intervenção dos Espíritos no mundo corporal. – Cap. X. Ocupações e missões dos Espíritos. – Cap. XI. Os dois reinos.

LIVRO TERCEIRO. – LEIS MORAIS

Cap. I. A lei divina ou natural. – Cap. II. Lei de adoração. – Cap. III. Lei do trabalho. – Cap. IV. Lei de reprodução. – Cap. V. Lei de conservação. – Cap. VI. Lei de destruição. – Cap. VII. Lei de sociedade. – Cap. VIII. Lei do progresso. – Cap. IX. Lei de igualdade. – Cap. X. Lei de liberdade. Cap. XI. Lei de justiça, de amor e de caridade. Cap. XII. Perfeição moral.

LIVRO QUARTO. – ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Cap. I. Penas e gozos terrestres. – Cap. II. Penas e gozos futuros. – Conclusão.

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores

Contendo: ensino especial dos Espíritos sobre teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicar com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que são encontrados na prática do Espiritismo, etc.; para dar seqüência ao Livro dos Espíritos.

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS

PRIMEIRA PARTE. – NOÇÕES PRELIMINARES

Cap. I. Há Espíritos? – Cap. II. O maravilhoso e o sobrenatural. – Cap. III. Método. – Cap. IV. Sistemas.

SEGUNDA PARTE. – DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS.

– Cap. I. Ação dos Espíritos sobre a matéria. – Cap. II. Manifestações físicas. Mesas girantes. – Cap. III. Manifestações inteligentes. – Cap. IV. Teoria das manifestações físicas. – Cap. V. Manifestações físicas espontâneas. – Cap. VI. Manifestações visuais. Visões, aparições. – Cap. VII. Bicorporeidade e transfigurações. – Cap. VIII. Laboratório do mundo invisível. – Cap. IX. Dos lugares assombrados. – Cap. X. Natureza das comunicações. – Cap. XI. Sematologia e tiptologia. – Cap. XII. Pneumatografia ou escrita direta. – Cap. XIII. Psicografia. – Cap. XIV. Dos médiuns. – Cap. XV. Médiuns escreventes ou psicógrafos. – Cap. XVI. Médiuns especiais. – Cap. XVII. Formação dos médiuns. – Cap. XVIII. Inconvenientes e perigos da mediunidade. – Cap. XIX. Papel dos médiuns nas comunicações espíritas. – Cap.

XX. Influência moral do médium. – Cap. XXI. Influência do meio. – Cap. XXII. Da mediunidade nos animais. – Cap. XXIII. Da obsessão. – Cap. XXIV. Identidade dos Espíritos. – Cap. XXV. Das evocações. – Cap. XXVI. Questões que se pode dirigir aos Espíritos. – Cap. XXVII. Das contradições e das mistificações. – Cap. XXVIII. Charlatanismo e embuste. – Cap. XXIX. Reuniões e Sociedades Espíritas. – Cap. XXX. Regulamento da Sociedade Espírita de Paris. – Cap. XXXI. Dissertações espíritas. – Cap. XXXII. Vocabulário espírita.

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de estudos psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DO SR. ALLAN KARDEC

Contendo: o relato das manifestações materiais ou intelectuais dos Espíritos; aparições, evocações, bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível ou invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. – A história do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, a mitologia de todos os povos. – Os trabalhos da Sociedade parisiense de estudos espíritas, fundada em 1º de abril de 1858.

Observação: Todos os volumes da *Revista Espírita*, traduzidas pela Federação Espírita Brasileira, bem como os originais em francês, estão disponíveis gratuitamente no site ipeak.net.

¹ Revista Espírita, janeiro de 1862 - Bibliografia - O Espiritismo na sua expressão mais simples, ou a Doutrina dos Espíritos popularizada.

² Evangelho de São Mateus, cap. XVII, v. 10 e ss. – São João, cap. III, v. 3 e ss.

